

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia Minerva Vimaranesa: Rua 31 de Janeiro, 133—GUIMARÃES

Melhoramentos locais

Oito horas de trabalho — Crise de desemprego e económica — Assuntos locais — Outras notas.

Nós somos dos que têm brado insistentemente em defeza de certos problemas de carácter local. Nas colunas deste semanário, abre-se, de quando em vez, uma luta tenaz pela resolução de melhoramentos indeterminados.

Mas, por azar, são tantos os que se nos deparam duma urgente necessidade que — se não tivéssemos uma resistência estoica — nos fôra mais ameno recrear ao sabor caprichoso do acaso.

Devemos confessar — e com dor o fazemos — que os nossos murmúrios não encontram o mais combalido eco no seio da nossa edilidade. E' sistematicamente, o mesmo silêncio, que notamos em resposta aos incitamentos de «A Velha Guarda» Nada convida suas exc.ª a dar-nos sequer dois minutos de atenção.

Nada! «A Velha Guarda» diz o que acha da mais incontestável justiça. Crítica posições ou chagas e, *in continente*, bacoreja soluções ou panaceias com a sua melhor boa fé.

Em vão! O silêncio de suas exc.ª é asfixiante.

Nada se faz. Aquilo que reclama mais pronta atenção fica por fazer. Nós folgaríamos imenso que o nosso Município pudesse hoje mostrar o labor quotidiano de outros tempos. Somos vimaranenses e, neste ponto apoiamos todos os que trabalham sinceramente por Guimarães. O momento é grave, como todos apregoam. E' formidável o abalo económico que o mundo vem sofrendo. O desemprego aumenta ferozmente, levando o espectro negro da fome ao seio das famílias. Os economistas lançam mão dos últimos recursos para estudar o estupendo fenómeno. E — que-re-nos parecer — não é este o caminho que levará a bom termo tão porfioso quão debatido problema: **o económico.**

Nós entendemos modestamente que há sobre todos uma resolução que se impõe singularmente: **é a do desemprego.** Mas, não baralhemos as coisas e digamos — antes de mais nada — que é necessário, imprescindível, inadiável, melhorar a situação económica e moral do operário.

A classe operária envolve um dos mais tormentosos problemas sociais. Desconhecê-lo é, já não dizemos ignorância, mas uma crueldade brutal. Ora, esta classe vem sofrendo, mais que nenhuma, os terríveis efeitos do desemprego. Não pede muito, como é de todos bem sabido.

Que lhe proporcionem trabalho e ela nada exige mais. Nós é que — interpretando o significado imortal dos nossos sentimentos políticos — não achamos ainda razoável. Não. E' necessário também que se lhe pague convenientemente; porque essa classe tem menores com direitos, igualíssimos aos das outras, a atingir um certo grau de cultura. E — diga-

A' VOLTA DO PARLAMENTARISMO

Nós estamos no século da luz. Contra a ignorância dos *corvos*, levanta-se eloquente o triunfo da ciência. E' a derrocada iminente de tôdas as velhas crenças. E o milagre, que fôra o monopólio escandaloso duma classe de indivíduos menos escrupulosos, passa ao domínio da ciência que decretou a nulidade do maravilhoso perante as coisas da terra.

Fôra justiceiro o lâtego de Cristo sobre as pias costelas dos *vendilhões*. Mas, das sevícias operadas por aquele meigo sonhador, surdiu alterosa uma nova irmandade de simoníacos para especular a sua obra. Tudo tem a sua renascença.

Se mesmo a Fénix renasceu das próprias cinzas!...

A ciência surpreendeu os milagreiros e desvendou aos olhos das multidões o segrêdo da mística. Iluminadas as consciências pelo facho esplendente da Verdade, nasceu a necessidade do mútuo entendimento entre os homens. A justiça do além-túmulo embebeu-se nas grossas neblinas do acaso. A dúvida subsistiu; e dessas núvens negras desprendiam-se inquietantes os pontos de interrogação.

O homem despertou então do marasmo original e começou a edificar a justiça na terra. Entrechocaram-se as opiniões num redemoinho veloz. E, para refugar o aspecto babilónico da nova arquitectura humana, instituiu-se a *Lei*, cuja inviolabilidade era patente pelos votos colectivos. Mas, como essa Lei não podia projectar-se na eternidade, como era urgente alterá-la de acôrdo com as necessidades de todos para beneficio de cada um, resolveram os homens eleger os seus representantes criando as Democracias. Solucionou-se o longínquo conflito das raças com a criação destas máquinas evolutivas.

O Parlamentarismo não faliu, como o pretenderam bisonhos contedores. Atravessa fazes e... nada mais. As ditaduras são transitórias e não significam eclipses. Pretendem efectuar uma determinada obra e — terminada essa obra — *abrem as portas à normalidade constitucional.*

E a nossa, pela bôca dos seus homens, não faz excepção à regra. E' que os reaccionários, batidos solenemente na pessoa dos seus caudilhos, resolveram bajular o Exército na esperança de iludir a sua bôa fé. Porisso desembestam, sobre o constitucionalismo, uma chuva de maldições, *como que a afastar a Fôrça Armada dos seus princípios republicanos.* Mas — já o reconhecemos — estão nadando em seco. A cada aleivosia, responde o Exército: *a República será mantida; ou então, como aquele Ministro da Ditadura, creio que o do Interior: a questão do regime está posta de parte — é a República.*

Nós vimos assistindo a tudo isto com a maior confiança no brio militar. Os integralistas, usando duma atrevida petulância e porventura duma falsa situação, fizeram a congregação dos legionários para defender a Ditadura. Irrisório! O Sr. General Domingos de Oliveira teve o bom senso de desarmá-los com a publicação duma carta sua.

Rimos muito da piada. O Governo dispensou-lhes os préstimos e mandou-os trabalhar. Mas, como estes esvurmam pus por todos os poros do corpo, lançaram os olhos sobre o já tão estafado alvo: os Partidos da República, que tiveram a imprudência de outrora lhes dar demasiada confiança.

Pobres, que andam de Herodes para Pilatos e dêste para Caifaz! Nem servem ao menos para môços de frete! Que querem êles?

— A tradição e o rei chegou... Não toleram os Partidos da República. Todavia, formam o dêles à volta, não duma opinião, mas dum sujeito qualquer, que nem português é! Que patriotismo o dêles! E' o sangue dos avoengos que lhes anda nas veias. Não querem Parlamento, *querem côrtes...*

Pois bem: dêmos-lhas, mas sem o acento circunflexo.

Os Partidos da República formam grandes ou pequenos agrupamentos de indivíduos que se propõem efectuar, a dentro da mais pura doutrina democrática, certos trabalhos de carácter geral e colectiva utilidade. Idênticos todos, divergem apenas nos pontos de vista. Os indivíduos não se juntam à volta do indivíduo, mas sim do programa que êste representa.

O ideal é, pois, o fulcro sobre que giram todos os agrupamentos, que não formam classes, mas opiniões partilhadas por homens de várias categorias sociais. Estas, como convem a tôda a Democracia, perderam o valor de privilégios para significar apenas: profissões. A Igualdade patenteia-se serena e altivamente nos artigos da *Lei* que têm como consequência imediata a Fraternidade universal. Esta é a verdade. Por mais deformações que os trapaceiros da sociologia caceteira queiram dar-lhe, ela ficará inalterável. Embota-lhes tôdas as lanças. E a República é — no fim de tudo — sempre a República. — *H. Belém.*

— se de passagem — quanta inteligência se perde, em virtude do egoísmo humano!

Os mineiros ingleses e alguns ferroviários do mesmo país já pedem veementemente o horário das *sete horas*. Ninguém ria do caso. Porque o que leva êstes operários a pedir o horário das «sete horas» é positivamente o desemprego. Não foi certamente a vontade de descansar. E' inegável, porém, que algumas horas vagas lhes prodigalizarão alguns momentos de leitura, de que são tão ávidos tantos mancebos que lutam pela vida ao sol e à chuva.

Sete horas de trabalho é apenas uma humana visão que êsses operários tiveram em face do mo-

mento: *valorização das mercadorias e emprego de braços.*

Em Portugal, ainda há quem siga no grosseiro rotineirismo de outros tempos: Saldos mínimos e horas de trabalho consecutivo sem acatamento a nenhum horário oficial. Em Guimarães, é quasi um pavor!

O Governo desconhece, por força, o que se passa na provincia. O «horário das oito horas» é um conto para entreter meninos.

Riem-se de nós quando clamamos por êle. E contudo, sabemos que o Governo providenciou no intuito de fazê-lo cumprir rigorosamente. Porque se não cumpre em Guimarães?

O Governo desconhece, por força,

o que aqui se passa. Pois aconselhamos os atingidos a levar as suas queixas junto das instâncias superiores.

A construção civil atravessa, porventura, o mais abismoso desfiladeiro. Tudo parado. E' notório que o dinheiro abunda e também sofre, neste momento, a *crise do desemprego.*

Está inactivo nos cofres particulares. E os operários arrastam-se, cobertos de farrapos, pelas ruas da cidade, à procura de trabalho. Nós lembramos ao Município — se é que está disposto a ouvir-nos — que as avenidas das muralhas, sobretudo aquele lanço que liga a rua de S. Dâmaso com a estrada de Fafe, estão transfor-

Será verdade?

Apesar de ainda não termos declarado o nome do indivíduo que chefia, nesta cidade, uma das principais Repartições do Estado, assunto a que nos temos referido, alguns dos nossos prezados leitores já adivinharam quem é o cavalleiro que não paga ao pessoal auxiliar da sua Repartição o que de direito lhe pertence, e que, para tal fim, recebe do Estado. Por alguns documentos que já temos em nosso poder, o chefe em referência tem muitas contas a prestar a Deus ou ao Diabo, tal é a cumplicidade do seu criminoso procedimento. Não desejamos fazer mal, apenas por prazer, mas também não desejamos encobrir os actos irregulares dum categorizado funcionário do Estado, tanto mais tratando-se dum caso desta natureza — falta de escrúpulo, falta de honestidade e, até falta de caridade. Por isso, o mal terá de ser remediado, custe o que custar e dêa a quem doer, no momento em que a *calmaria* da nossa campanha passar a ser o reflexo duma tempestade tormentosa. Por enquanto, continuamos a receber quaisquer informações relativas a êste assunto, o que agradecemos desde já.

madras num lodaçal intransitável. Já o dissemos mais que uma vez. Continuaram nas mesmas condições. E agora, estamos certos, que na mesma continuam. Nós é que cumprimos o nosso dever, pois sabemos que há muitos braços inactivos que ali podiam ganhar um bocado de pão. Aquela que fica encostada às muralhas é, mais que nenhuma, um permanente chiqueiro. Sabemos, por informações que julgamos certas, que o Município pretende, e muito bem, alargar a rua de S. Dâmaso, naquela garganta que se nota junto do prédio que ultimamente adquiriu. Achamos muito boa a ideia e até oportuna. Mas — pelo que nos diz o nosso informador — a casa que se patenteia em frente é que sofre o maior corte. Neste ponto discordamos porque é inestético e pouco ou nada adianta.

Julgamos, pelo contrário, que seria fazer obra limpa cortar, no prédio adquirido pelo Município e ainda nos outros atingidos pela recta niveladora, tôda aquela lombada que vai da travessa das Carvalhas ao cimo do Campo da Feira.

Na casa que fica em frente pode cortar-se um pequeno ângulo.

Entendemos que assim fica melhor. E' mais dispendioso; mas a fazer-se obra, que seja limpa. De remendos e emplastros estamos nós cheios. Eis a nossa opinião que pode ser alterada se alguém nos provar que há melhor plano sobre o caso.

Isto não é nosso. E' de alguns técnicos que temos ouvido sobre o assunto.

X. X. X.

Este número foi visado pela comissão de censura

A Flâmula Verde-Rubra, símbolo da Pátria. O prestígio da República dentro das Escolas.

A mentalidade republicana surgiu fortuitamente nas camadas da gente moça. Surgiu por mercê de circunstâncias várias que em conjunto excitaram o nervosismo político das suas almas moças. Em vinte anos de República — confessamo-lo com mágua — não enxergamos ainda uma legislação capaz de concretizar essa mentalidade numa forte personalidade. O que se fez é insuficientíssimo, para não chegarmos ao descôco de afirmar que é coisa *nenhuma*. Teve visos de flagrante verdade aquele jornalista das Beiras quando afirmou: *nós matamos a monarquia em 5 de Outubro de 1910, mas esquecemo-nos de a enterrar*. Estas palavras agitam uma profunda verdade que ainda hoje, como ontem, como sempre, se exhibe oportuna e clamorosa em todos os cantos de Portugal. Morreu a monarquia naquela gloriosa jornada, mas ficou insepulta a contágia da sua podridão o destino saudável de uma raça de heróis. Não vemos nisto o intuito de traição o Regime, da parte dos Governos da República. Só vemos clemência a flux nesses Homens que generosamente preconcebaram a almejada paz da Família-Portuguesa.

Sonho de poetas!...
Esses Homens esqueceram porventura aquele velho aforismo que reza assim: *quem o inimigo poupa nas mãos lhe morre*. E a verdade é que se ia cumprindo esta sentença se a tempo não desperta a alma Republicana. As escolas, que formam o órgão gerador da mentalidade de uma pátria, ficaram sob a orientação dos seus velhos professores — criaturas sedentárias que nada querem com inovações e acham assás doloroso dar um passo para a frente. Não foram, pois, arejadas as escolas, que são a artéria mais indispensável ao triunfo de um ideal. Tenhamos em vista a U. R. S. S. que encarou a escola como o seu mais formidável ponto de apoio. Porisso, alcança hoje um elevado grau de progressividade intelectual.

Em Portugal não se deu, como é sabido, a *criação do Estado Republicano*, tão necessário para radicamento pleno das ideias novas no espírito do povo.

Mas, serenem todos. As ideias radicaram-se profundamente, mesmo fora das escolas. A maioria dos portugueses abraçou fraternal e apaixonadamente o ideal sagrado das Democracias sem que os lampejos do mais frio septicismo lhe arrefecesse o seu temperamento irrequieto e franco. E a mocidade das academias, esperança de Portugal e da República, significa hoje o fenómeno máximo, visto desmentir desempoeiramente o apodo de tradicionalista e conservadora.

Sim. E', contra a temerosa expectativa dos seus mestres, liã e abertamente democrática; e acolhe enamorada o Estandarte Verde-Rubro como símbolo imutável de Portugal, o Estandarte que se desdobra ao vento e sob o astro luminoso da Liberdade. O vermelho parece estampar com viveza o sangue dos mártires; tem uma longa e conflituosa história. O verde, por si, é o resgate que se oferece aos povos, é a esperança do amanhã que se renova a tãda a hora, e sempre.

Símbolo da Pátria! Gloriosas cores!
Houve alguém que opinou pela perenidade da antiga bandeira azul e branca. Esta ideia foi felizmente rebatida e não triunfou. E ainda há pouco surdiu, ali de Coimbra, um grupo de maduros que julgou descobrir o segredo da paz com o acréscimo de um

bocado de branco ao simbólico Verde-Rubro. Isto é um plebiscito. Há entidades sumamente estólicas ou manifestamente doentias. Acrescentar o branco a aquelas formosas cores era — permita-se-nos o paradoxo — mutilar a ideia que a Bandeira encerra. Não queremos enxertos e, já que dissemos tanto, digamos também o resto.

As escolas devem possuir todas, desde as primárias às superiores, uma Bandeira Nacional para atestado da inquebrantável fé republicana nas horas solenes da Pátria. Nós entendemos assim e, connosco, todos os Republicanos de bom quilate o ventilam desassombradamente. Porque há escolas por aí fora que não assimilaram ainda esta necessidade irrefragável. E porquê? — perguntarão os leitores.

Ante a iminência da interrogação, encolhemos os ombros porque seria ocioso responder.

São coisas que bradam à nossa consciência e não ficaremos inertes perante o atentado. Ao Governo compete fiscalizar devidamente este ponto.

Mas, não ficamos por aqui. E' nos muito penoso reincidir nesta forma de expôr certos pontos de vista. A verdade, porém, clama integridade e temos de alcançá-la no seu devido pòsto.

Sabemos, por exemplo, que uma grande parte das escolas, se não a maioria, não possui o busto da República. E' nos forçoso dizê-lo, porque deviam possuí-lo. Vamos mais longe: *deviam possuir um em cada sala de aulas*.

O que não está certo, positivamente, é desprezarem esta ideia a vinte anos de República.

Não, não está certo.
Não têm verba especial para essa aquisição — concordamos. Mas o Governo, devemos dizê-lo, não tem fatura de disponibilidade para obviar a tãdas as coisas. E sendo assim, como resolver a questão?

Nada mais simples: há as receitas do respectivo expediente que, bem aproveitadas, podem solver aquela exigência.

Não nos é desconhecida muita obra de bem maior sacrificio. Os professores de tãdas as escolas não faziam nada de grande monta encarando a sério estas minudências. Que é forçoso prestigiar, de uma vez para sempre, a República dentro das escolas; é urgente que aos rapazes se leccione o catecismo da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade; é inadiável que os professores reconheçam, desde já, a necessidade de integrar tãda a mocidade dentro da ampla esfera da República.

República e só República!
Devemos lutar para que ela seja respeitada e efusivamente amada pelos rapazes. Trabalhem para evitar o triste espectáculo de vê-los ajoelhar em *comunhão geral* diante de inimigos irreconciliáveis da Democracia.

Que podem eles compreender do atentado que lhes fazem à consciência? Pobres rapazinhos, que não chegam todos a formar uma vontade! Como cordeirinhos, lá foram, guiados por oculta mão, à recepção da hóstia. Quando homens, raciocinando um pouco mais, hão-de rir-se do caso. Porque afinal, nós bem sabemos de onde partiu a triste ideia.

Acabemos com isto. Os alunos, de tãdas as escolas, só devem assimilar o que compreendem. Entulhar-lhes o cérebro de dogmas — afirmações abstratas que o raciocínio mais agudo não chega a explicar — é embotar-lhes a inteligência, fechando-lhes o intelecto ao convívio das coisas mais razoáveis. E' cançar-lhes a memó-

Subsídios para o nosso calendário

Transcrevemos de um velho exemplar do «Diário Popular», que muito casualmente nos chegou às mãos, esta preciosa informação:

Sudário negro

Passam hoje 109 anos sobre a data em que foi extinta a Inquisição em Portugal, por decreto assinado por Hermano José Braamcamp de Sobral, Agostinho José Freire, e João Baptista Felgueiras, tendo a proposta sido apresentada às cortes constituintes por Margiuchi.

No país e domínios existiram quatro tribunais que principiaram a funcionar, o de Lisboa em 1540, o de Coimbra em 1541, o de Évora em 1563, e o de Goa em 1600, havendo todos sido extintos em 31 de Março de 1821.

Não deixa de ser curiosa a monstruosa estatística do labor da Santa Inquisição: Em Lisboa queimou, vivos, 355 homens e 221 mulheres; padeceram tormentos 6.005 homens e 4.960 mulheres; morreram nos cárceres 706 homens e 546 mulheres, havendo-se realizado 272 autos-de-fé.

Em Évora queimou, vivos, 234 homens e 200 mulheres; padeceram tormentos 6.916 homens e 5.765 mulheres; morreram nos cárceres 801 homens e 667 mulheres e tiveram lugar 180 autos-de-fé.

Em Coimbra queimou, vivos, 180 homens e 215 mulheres; padeceram tormentos 6.249 homens e 7.252 mulheres; morreram nos cárceres 630 homens e 720 mulheres, realizando-se 91 autos-de-fé.

Em Goa queimou, vivos, 82 homens e 32 mulheres; padeceram tormentos 4.840 homens e 1.512 mulheres; morreram nos cárceres 726 homens e 227 mulheres, tendo havido 91 autos-de-fé.

Além daqueles santos tribunais, ainda funcionaram outros em Tomar, Pôrto e Lamêgo, havendo-se celebrado autos-de-fé em Angola e Cabo Verde.

Os números dispensam todos os comentários à obra de todas as seitas religiosas, que tornaram possíveis os monstruosos crimes da Inquisição. Que todos os liberais fixem este sudário negro.

N. da R. — João Baptista Felgueiras foi avô do nosso grande amigo e prestigioso Democrata, sr. Dr. Mariano Felgueiras.

Romagem ao túmulo do cônego José Maria Gomes

Realizou-se, na passada quarta-feira, esta imponente manifestação de saudade junto ao túmulo d'este antigo Deputado da República.

Composta de académicos, a quem não faltou o concurso de antigos camaradas, a romagem traduziu o estado de alma dos nossos rapazes das escolas.

Foram acompanhados por duas académicas.

Eram aguardados no cemitério de Urgeses por alguma entidades liberais da nossa terra, que assim patentearam à juventude o seu apoio moral.

Belo gesto!
Usaram da palavra alguns oradores, entre os quais o nosso amigo e correligionário, sr. Manuel de Matos Júnior, que disse: *nós não somos caixeiros da firma comercial Deus & C.ª L.ª*.

Muito bem.
Sobre o túmulo foi deposto um formoso bouquet de flores. Decorreu tudo na máxima ordem.

Parabens.

ria, porque decoram o que jamais poderão explicar.

Em suma, é, para nós, uma grosseira monstruosidade essa deformação que os mesquinhos querem dar à rapaziada. Estão atrofiando seres que amanhã serão anormais.

E contudo, isso é para eles uma luta inglória. Porque a vitória pertencer-nos há irremediavelmente. O triunfo caberá à Liberdade. E eles têm a responsabilidade tremenda de todos os aleijões mentais que se tornarão seres inúteis em face da civilização.

xyz.

Reversão

Frente a frente da Morte — arranco à Vida
O sôpro creador que em si contém...
Viver a vida, nem Mathusalem,
Que, Fausto do seu tempo, a viu perdida.

1) Quem no-la ampara na fugaz deescida?
1) Sendo tão frágil, quem é que a sustém?
A vida força os diques do Além,
Mas rôtos êsses, perde-se na lida.

Não há maior tormento e dôr tamanha,
Do que esta realidade palpitante,
Sempre e sempre a ferir o coração:

A Morte impõe a dura e cruel sanha
Que desagrega a vida, num instante,
Operando, feroz, a reversão!

L. COELHO.

Basta de ironia!

Um grupo de operários, de tãdas as classes, escreve-nos um largo comentário à falta de cumprimento do horário de trabalho.

Pede-nos para não abandonarmos a campanha que encetamos.

Descansem os operários! Sobre esse ponto, não terão que arrepender-se em confiar em nós.

Nós — porque nos integramos nos princípios da Democracia — estamos sempre ao lado dos que trabalham.

Nós também somos operários, muito embora diferentemente. Porque andamos caboucando o futuro dos homens de amanhã. E o perário do braço é aquêle cuja emancipação mais de perto nos interessa.

Ele formará mais tarde, quando educado convenientemente, o forte sustentáculo das Democracias.

Nada de desânimos! Com um pouquinho de esforço havemos de vencer.

Os operários em referência têm para nós palavras de louvor. Agradecidos.

O Regresso

Diz uma gazeta muito pia, entre grita e choradeira, que o mal de todos nós advem daquela *lei dissolvente das famílias* (o divórcio) que se promulgou em 1910. Diz o folheto:

— *Regresso à tradição moral e religiosa, em que sempre vivemos, e fez grandes os nossos antepassados!*

O colega não sente mais nada? Coitado. *Fez grandes os nossos (êles) antepassados!* Outro tanto não dizem os de *A Velha Guarda*, cujos antepassados foram escravos, apesar de mais numerosos e produtivos.

Pobres bonzos! Esta, de estarem sempre a olhar para trás, comove. Mas está-lhes na massa do sangue.

Deixá-los matar *soidades!*...

Teve piada!

Um funcionário do Município foi, há dias, multado por três polícias, em virtude de — no começo da rua de Camões — ter vertido águas.

Fim da primeira parte.

Segunda parte: os mesmos três polícias foram multados por um funcionário do Município, em virtude de êste surpreender aquêles urinando na via pública.

Muito bem. Dá cá, toma lá. Assim é que se compreende.

Epílogo: lamentamos simplesmente que êstes pobres guardas não sejam melhor remunerados. São de Braga e, julgamos nós, têm direito a uma ajuda de custo.

Como êles são!

Enquanto que o povo de tãda a Espanha, sem distinção de credos políticos nem de crenças religiosas, pediam clemência para os implicados nos acontecimentos de Jaca, os monárquicos, os reaccionários, os jacobinos de Portugal eram partidários da pena de morte. Porém, quiz o destino que os heróicos e destemidos republicanos do movimento de Jaca, para os quais vai o nosso preito de homenagem, o mais sincero e o mais fervoroso, não fossem vítimas do estúpido e cruel fusilamento, que ainda há pouco tempo roubou ao povo republicano de Espanha um dos seus soldados mais valorosos — o nunca esquecido Capitão Galan, que recebeu a morte com um entusiástico viva à República!

A atitude do povo Espanhol comparada com a dos citados *intelectuais* de Portugal, os tais monárquico-reaccionário-jacobinos, que, na sua maior parte, são os *obreiros* do crime, da calúnia e da mentira, é a demonstração clara do que, por diversas vezes, temos dito sobre os nossos inimigos. Eles, que andam acostumados a viver nas alfurjas do crime, não poupariam um só republicano na hora em que pudessem exercer a sua vingança!

Como êles são!

Em Seixal

Noticiava a «República», baluarte formidável ao serviço da Democracia, que nesta vila se deu um furto de 1.100 escudos. Foi na sede dos escoteiros daquela região e o herói contava apenas 15 anos.

E' — como o leitor está vendo — um caso vulgar. Nada temos com isso.

O petiz era forçosamente um familiar dos «scouts», se é que não enfileira com êstes.

Há, neste incidente, uma coisa que nos fere a observação: o rapazinho mostrou — pelo menos — a decisão que em regulamento lhe é preconizada.

Uma cruz

Foi posta sobre o braço de Albergaria. Queixa-se a Gazeta do mesmo nome, semanário Republicano dali, que ninguém é capaz de expôr-lhe razoavelmente os motivos de tal deliberação.

Nós desconfiamos que matamos a charada. Aquela cruz revela, pelo menos, a passagem por Albergaria, de gente fúnebre.

A cruz é a sentinela dos corvos. Crucificaram Jesus e agora tentam fazer o mesmo aos outros.

MOCIDADE ACADÉMICA

Ainda há dias, no último número deste Jornal, falamos da nobre e levantada atitude das Academias republicanas de muitos estabelecimentos de Instrução do nosso País. De facto, não podíamos ficar silenciosos perante tão digno e brilhante procedimento da mocidade Académica republicana, esse punhado sagrado de briosos rapazes que à República dedicam toda a sua vida, toda a sua afeição e todo o seu carinho. São eles, os académicos republicanos, que mais tarde não-de desempenhar as mais elevadas funções adentro do regime actual dependendo, portanto, dêsse bravo e heroico exército o futuro grandioso e belo da Pátria e da República. A eles tem de ser confiados os destinos do nosso querido Portugal. Por isso é que a nossa alma rejubila todas as vezes que temos ensejo de falar da mocidade republicana, facho de luz que há-de iluminar um novo horizonte da República, desta República que todos nós, os bons e sinceros republicanos, queremos e amamos.

Mas a par destes rendimentos, verdadeiramente altruístas e patrióticos, que a mocidade republicana vem semeando nas gerações novas, nós vemos, com o maior dos pezares, que outros académicos, ou antes outras Academias enveredam por um caminho completamente diferente. Reconhecemos a todos o livre direito de seguirem a política que entenderem, de professarem as crenças religiosas que quizerem, mas o que não está certo é que a mocidade das nossas escolas se deixe influenciar por ideais reaccionários ou crenças religiosas fanatizadas unicamente para conquistarem a simpatia dos seus mestres, reaccionários e fanáticos, como infelizmente sucede em muitos estabelecimentos de ensino.

Por isso, há uma grande, uma absoluta necessidade de republicanzar a Instrução, em Portugal, afim de que o micróbio monárquico-jesuita não continue a contaminar o ideal republicano. Faça-se isto, com todo o critério e com toda a ponderação, e, uma vez as escolas republicanzadas, a República viverá eternamente no coração de todos os portugueses.

REVISTA PORTUGUESA DE COMUNICAÇÕES,

Mais um número desta importante Revista, dirigida pelo Sr. Dr. Carvalho dos Santos e secretariada pelo nosso amigo Raúl Esteves dos Santos, acaba de vir a lume comportando, como sempre, uma colaboração esmerada e reproduzindo o artigo, na sua secção T. S. F., referente ao circuito «Browning-Drak», que tamanho êxito alcançou entre senfilistas portugueses, quando da sua anterior publicação.

Damos a seguir, o sumário do número 39 da «Revista portuguesa de Comunicações» que neste momento temos à vista:

«A Política do Alojamento em Espanha—casas militares» pelo coronel Guilherme de Azevedo. «Uma resposta —Companhia dos C. de F. do Norte de Portugal, numeros e factos», pelo eng. Américo Vieira de Castro. «O regime tarifário nas linhas férreas portuguesas —mercadorias pobres e mercadorias ricas», por Clemente da Silva. «A Voz do Operário—Grande Catedral do Bem», por Raúl Esteves dos Santos. «T. S. F. Circuitos—Browning-Drak», por Guilherme de Castro. «Aspectos económicos», por Azevedo Alves. «Uma carta», por Eduardo Plácido. «Isenção de direitos de material importado para a indústria de turismo». «O povo na literatura portuguesa». «O novo sistema de aquecimento de água nos vagões-leitos». «Passagens de nível». «Os correios e os caminhos de ferro». A propósito de uma emissão de obrigações. «O motor Diesel-Deutz para grandes camiões rápidos». «Conselho superior de obras públicas». «Bernardino Henriques de Almeida». «Estradas de Timor». «Conferência Europeia dos Horários».

Vãdios nocturnos

É necessário dar caça à gan-dulagem que durante a noite passa o tempo a incomodar as criaturas pacíficas, e, não só isto, como também a danificar a propriedade alheia, como sucedeu na noite do dia 23 p. p.

Em vários estabelecimentos comerciais, os *toldes* apareceram muito inutilizados, alguns sem concêrto.

Lamentamos que êstes acontecimentos se passem em uma terra que está na categoria das terras civilizadas. Consta-nos que o caso foi comunicado á respectiva autoridade, a qual, naturalmente, deve ter tomado as devidas providências. E' mais uma crise a registar na nossa terra!...

Oh! Como és inditosa, pobre Guimarães!...

Dr. Filinto Elísio Vieira da Costa

Este nosso valioso correligionário e ilustre amigo veio despedir-se de nós em virtude de ter de fixar residência no Porto, onde é um dos belos ornamentos do corpo docente do Liceu Alexandre Herculano.

«A Velha Guarda», que sempre reconheceu em Sua Ex.^a uma rara integridade da carácter e de opiniões, deseja-lhe felicidades e faz desta Redacção uma casa sua.

O Sr. Filinto Elísio Vieira da Costa encarrega-nos de apresentar aos seus numerosos amigos o seu cartão de despedida.

Ai fica para conhecimento de todos.

Cumprimentos.

Doente

Informam-nos, por notícias ultimamente recebidas de Paris, que o prestigioso Democrata e grande homem de bem, Ex.^{mo} Sr. Dr. Mariano Felgueiras, ilustre Presidente da Comissão Política do Partido Republicano Português em Guimarães e nosso prestimoso amigo, se acha um tanto abalado da saúde.

«A Velha Guarda», que noticiara o seu completo restabelecimento, faz com pezar esta retificação.

Felizmente, as melhoras de Sua Ex.^a parecem acentuar-se, o que sinceramente nos apraz registar. «A Velha Guarda» faz votos pelo seu breve regresso.

Doentes

Na sua casa da Corredoura (S. Torcato) tem estado bastante incomodada de saúde, a Ex.^{ma} Senhora D. Emilia Gomes, mãe amantíssima do nosso presado amigo e indefectível correligionário sr. José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secretaria da Administração do Concelho.

*

Foi há dias sujeita a uma melindrosa operação, encontrando-se felizmente livre de perigo, a dedicada esposa do nosso amigo e correligionário sr. José de Freitas Guimarães Júnior.

Sociedade Martins Sarmento

Convocação da Assembleia Geral

Não tendo aparecido número suficiente de sócios para se poder efectuar a eleição dos corpos gerentes desta sociedade, é convocada nova reunião para o dia 4 de Abril, às 18 horas.

O Presidente,

Eduardo de Almeida.

DR. BERNARDINO MACHADO

Passando ontem, 28 do corrente, o aniversário natalício do Ex.^{mo} Sr. Dr. Bernardino Machado, a Comissão Municipal do P. R. P. enviou a Sua Ex.^a o seguinte telegrama:

Ex.^{mo} Sr. Dr. Bernardino Machado — Bayonne — B. P. France—Comissão Municipal P. R. P. saúda V. Ex.^a aniversário natalício — Bernardino Jordão.

Um grupo de republicanos também enviou a Sua Ex.^a outro telegrama nos seguintes termos:

Republicanos Guimarães pas-sagem aniversário V. Ex.^a saúdam Patria e Republica.

Com bastantes assinaturas.

Caixa G. de Depósitos

Tomou posse do cargo de gerente dêste estabelecimento de crédito o sr. Luis Augusto de Moraes e Sousa.

Teatro Gil Vicente

Após uma semana de gargalhada, que pertenceu aos impagáveis cómicos Pat e Patchon, tivemos o ensejo de apreciar a bela produção cinematográfica «Alta traição», que tinha como interpretes os artistas da já noutro número mencionada pelicula «A mulher na lua».

Tinha, como esta teve, um formoso acompanhamento de orquestra, composta igualmente pela familia Guise com elementos do Porto.

Ultimamente, deram-se ali mais algumas agradáveis sessões em que não faltou jamais a respectiva «cómica».

Oficina de S. José

Passou, no dia 19, o aniversário da sua fundação. Devia haver ali lugar para muito desgraçadinho que anda por êsse mundo sem pão.

Entre nós

Deram-nos o prazer do seu convívio, por alguns momentos, os jovens republicanos e nossos presados amigos, srs. Fernando Ribeiro de Almeida e Justiniano Macedo.

São dois espíritos liberais que pertencem à falange dos novos. Um grande abraço.

Dicionário Copográfico

de Portugal Continental e Insular

de AMÉRICO COSTA

Registo minucioso e meticoloso de todas as Cidades, Vilas, Aldeias, Povoações, Lugares, Lagos, Cabos, Castelos, Termas, Praias, Praças, Monumentos, Minas, Serras, Montes, Estações, Ribeiros, Rios, Matas, etc.

Está sendo publicado em tomos mensais de 80 páginas no formato de 0,24 x 0,14, ao preço de 500, franco de porte para o continente e ilhas. A obra é ilustrada com mapas a 3 côres, impressos em papel especial.

Está em distribuição o tomo n.º 17 e continuam a receber-se assinaturas na **Livraria de L. Oliveira & C.ª**, à Rua da República, desta cidade.

Que dirá a "Voz,,?

Dizem os jornais que de 2 para 3 do corrente foi passada uma busca, pela policia de informações de Coimbra, à capela de Santo António, da Póvoa do Forno, (Troviscal), tendo encontrado, entre o telhado e o forro da aludida capela, *algumas armas e munições*.

—O que deveres nos impressiona é o silêncio de Nemo. Não fala, a propósito disto, no perigo a que são sujeitas tantas mulheres e crianças indefeças que possam frequentar a capela.

Descobrimos-lhe o jôgo e fazemos-lhe como S. Francisco... êste gesto simbólico.

Falecimentos

Em Cepães, do visinho concelho de Fafe, faleceu no passado domingo o estimado proprietário dali sr. Francisco Venâncio Martins, cunhado do nosso velho e dedicado amigo sr. José Bernardino dos Santos, professor da freguesia de Leitões, deste concelho, e primo afim em 2.º grau do nosso valoroso correligionário sr. Bernardino Jordão.

O seu funeral realizado na terça-feira, constituiu uma grandiosa manifestação de pezar pela sua inesperada morte, atentas as bellissimas qualidades de carácter e honradez de que o extinto era dotado. Nêle se incorporaram centenas de pessoas de todas as classes, não só daquela freguesia e vizinhas, como da vila de Fafe, e bem assim de todos os sócios e elementos da tuna Capanense com o seu estandarte.

Fôram-lhe oferecidas diversas coroas e palmas com sentidas dedicatórias de sua desolada esposa, filhinhos e outras pessoas de familia, amigos e dos operários da Fábrica de Armil, de que o extinto era sócio.

Organizaram-se diversos turnos até ao cemitério, fechando o caixão o sr. Miguel Soares de Vasconcelos, da casa do Arcebispo, Felgueiras, que do falecido era sócio e último amigo da familia.

A familia enlutada, o nosso cartão de profundo sentimento.

*

Após alguns sofrimentos, faleceu o conhecido Director da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, sr. Barbosa de Oliveira.

Enviamos à familia o nosso cartão de pêsames.

FERNANDO AYRES
ADVOGADO

Escritório junto à Conservatória.

GOSTAMOS MUITO...

... De ler a «*imprensa negra*». Aparecem por lá retalhos de um especialíssimo sabor. Dizem coisas do arco da velha. Costumamos ler — entre outros — «A Póvoa de Lanhoso», órgão dos priores do Amparo, que o nosso brilhante colega «A Maria da Fonte» coça com denôdo. Ainda há dias vinha lá (no órgão dos priores) um arrazoado que um sujeito de Lisboa ali despejou sobre a Rússia dos Soviets. Segundo êle, certa imprensa da Suíça, (*La Tribune e Journal de Genève*) inseriu uma carta enviada subrepticamente do país das stepes. *Está ali tudo perdido, há uma nova escravatura, muita miséria, etc.*

A mesma cantilena que a Revolução de 89 provocou na Europa absoluta...

Histórias!... Já outro dia dissemos que é cêdo ainda para falarmos no bolchevismo russo. Mas, achamos curioso que «a voz de nemo» transcrevesse a epistola e se tenha esquecido de frisar o alto labor scientifico que aquele pais atravessa.

Questões de paladar!

Há estomagos que não toleram certos alimentos... ou porque são apimentados ou então porque lhes fazem destempêro, etc.

Curso «Singer»

Sob a direcção da Ex.^{ma} Senhora D. Belandina da Luz Mendes Leite, tem funcionado, em Moreira de Cónegos, lugar de Fundevila, um Curso de bordados à máquina, promovido pela Companhia «Singer», sendo frequentado por grande número de meninas e senhoras da melhor sociedade.

Entre estas reina grande entusiasmo, mostrando já trabalhos de uma esmerada perfeição devido à competência e incansável boa-vontade da sua zelosa professora.

A exposição de trabalhos far-se-há hoje, estando nós certos de que ela será um verdadeiro mimo de arte e perfeição.

ARREMATACÃO

Pelo Juízo de Direito de Guimarães, e cartório do 4.º officio, vai à praça no dia 19 de Abril próximo, por 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta cidade, na execução hipotecária que Manuel Fernandes, casado, proprietário, do lugar da Ponte, freguesia de S. Lourenço de Selho, move contra Custódio Dias da Fonseca e mulher Adelaide Angnsta Moreira, do largo 13 de Fevereiro, desta cidade, o seguinte

Prédio

Uma morada de casas de 2 andares, construída de pedra e tabique, eom o n.º 7 de policia, sita naquêlo largo, alodial, descrito na Conservatória desta comarca no livro B-93, sob n.º 33.460, no valor de 7.000\$00.

Pelo presente são citados quaisquer crêdores incertos.

Guimarães, 12 de Março de 1931.

O Escrivão,

José Maria Baptista Ribeiro.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Raúl Alves da Cunha.

<p>Faria & Fernandes, L.^{da} Largo Prior do Crato — GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Fabrico de: Chapeus e Guarda-chuvas. Oficina de concertos. «Stock Firestone»: Depositários.</p>	<p>Drogaria do Tournal DE João Garcia d'Almeida Guimarães Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p>TINTAS, VERNIZES E VIDROS</p>	<p>Sapataria Elegante DE Artur d'Oliveira Sequeira Largo Prior do Crato GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Especialidade em calçado fino e concertos</p>	<p>CASA DE SANTA TERESINHA RUA DA REPÚBLICA, 122 GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Papelaria e Livraria Artigos Religiosos e Objectos de escritório</p>
<p>FABRICA DE PENTES DO RIBEIRINHO</p> <p>FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS ARMAZENS EXPORTADORES</p> <p>TELEFONE N.º 128 GUIMARÃES — Portugal</p>	<p>CASA DAS GRAVATAS DIAS & CARVALHO, L.^{da}</p> <p>CHAPELARIA, CAMISARIA E GRAVATARIA.</p> <p>43 — Rua da República — 47 TELEFONE N.º 188 GUIMARÃES</p>	<p>ATOALHADOS E LINHOS Gonçalves & Castro, L.^a</p> <p>Largo Prior do Crato, 7 GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Lindas colecções de bordados de Guimarães e sortido completo de tecidos próprios para enxovais</p>	<p>PADARIA ALMEIDA DE José Mendes Guimarães Rua Elias Garcia, 63 GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Cereais e Farinhas</p>
<p>Bernardino Jordão, Filhos & C.^a PHILIPS RADIO Os melhores receptores</p>			
<p>Grande Armazem de Exportação DE Augusto Mendes Rua de Gil Vicente GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Calçado, Cutelarias e Pentes</p>	<p>DROGARIA MODERNA DE Fernandes Guimarães & Irmão, Suc. Rua da República GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Tintas. Louças e Vidros. Vernizes.</p>	<p>Manuel Jesus de Sousa Farmacêutico Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>SERVIÇO PERMANENTE E SORTIDO COMPLETO DE TODAS AS ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.</p>	<p>CASA HIGH-LIFE, Filial de Benjamim de Matos & C.a, L.da Tournal — GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>O seu intento é, com os preços e qualidades de todos os artigos que vendem, convencer o público de que se esforçam o máximo para lhe fornecer artigos bons e garantidos por preços razoáveis. SECÇÃO DE MODAS.</p>
<p>Antiga Casa Patrício DE José Fernandes Martins Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Especialidade em artigos de mercearia fina.</p>	<p>A. J. Ferreira da Cunha Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Sortido completo em ferragens finas para usos industriais.</p>	<p>Papelaria Central DE Francisco Ribeiro de Castro Praça D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Artigos fotográficos, papelaria, livraria e tabacaria.</p>	<p>Armazem de Mercearia por junto e a retalho DE Francisco Lopes Martins Rua de Gil Vicente—GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Depósito de telha Marselha e tubos de grés.</p>
<p>Grande Hotel do Tournal Quartos excelentes e esmerada cosinha à portuguesa.</p>		<p>Pensão e Restaurante Central Excelente serviço de mesa e quartos. Largo da Condessa do Juncaí</p>	
<p>João do Couto Salgado Mudou o seu escritório de solicitador para a Rua 31 de Janeiro, 111 GUIMARÃES</p>	<p>Casa Martins Largo Prior do Crato GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Completo sortido em meias e peúgas de seda e fio de escócia. Artigos de menage. Chapelaria, gravataria e guardassolaria. Artigos sempre de novidade e bom gosto.</p>		<p>Leite & Figueiredo Materiais para construções Cal, tintas, vernizes, tubos de grés e telha de Marselha. Largo da Condessa do Juncaí — GUIMARÃES</p>
<p>CARREIRAS DE CAMIONETE ENTRE GUIMARÃES E PORTO João Ferreira das Neves Escritório: Casa Almério Ferra Tournal — Guimarães</p>	<p>António Ferra, Filho Largo D. Afonso Henriques GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Completo sortido em ferragens finas e artigos de menage. Escritório de Camionetes para o Pôrto</p>	<p>JOSÉ MENDES GUIMARÃES R. de Gil Vicente, 71 — GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Depósito da excelente palha trilhada em fardos, bancas de lousa para barreiros, oleados e carvão de coke para cosinha.</p>	<p>Braga & Carvalho, Limitada Praça de D. Af. Henriques — Guimarães</p> <p>.....</p> <p>ARMAZEM DE MERCEARIA FINA e Escritório das Camionetes para Braga e Pôrto.</p>
<p>«O BARATEIRO» Rua Dr. Avelino Germano — Guimarães</p> <p>.....</p> <p>Depósito de calçado para homem, senhora e criança. Gravataria e miudezas. Completo sortido em guarda-chuvas para homem e senhora.</p>	<p>L. D'OLIVEIRA & C.^a Rua da República GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Completo sortido em tabacos nacionais e estrangeiros. LIVRARIA E PAPELARIA.</p>	<p>ANTÓNIO DA ROCHA BRAGA (Mestre de obras)</p> <p>Encarrega-se da construção de qualquer obra de pedreiro, garantindo a sua boa execução. Avenida número 2 GUIMARÃES</p>	<p>MANUEL MACHADO Miradouro — Guimarães</p> <p>.....</p> <p>Fabrico de cutelarias. O melhor no género. Acabamento garantido.</p>
<p>Joaquim Ribeiro Moura (Marca 35) Pisca — GUIMARÃES</p> <p>Fábrica de Cutelarias e Tecidos Premiada nas várias exposições a que tem concorrido.</p> <p>A título de experiência, aconselha-se uma visita a esta acreditada casa.</p>	<p>ANTÓNIO PIMENTA Largo da Misericórdia GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Grande armazem importador de artigos de novidade, miudezas e quinquilharias.</p>	<p>José Francisco da Silva, Filho & Genro «Marca 5» Miradouro — Guimarães</p> <p>.....</p> <p>Fábrica de Cutelarias em todos os géneros. Garante-se o seu acabamento e fabrico.</p>	<p>Manuel José de Carvalho Rua de Paio Galvão GUIMARÃES</p> <p>.....</p> <p>Armazem de mercearia por junto e a retalho. Depósito de Aguas Minerais.</p>